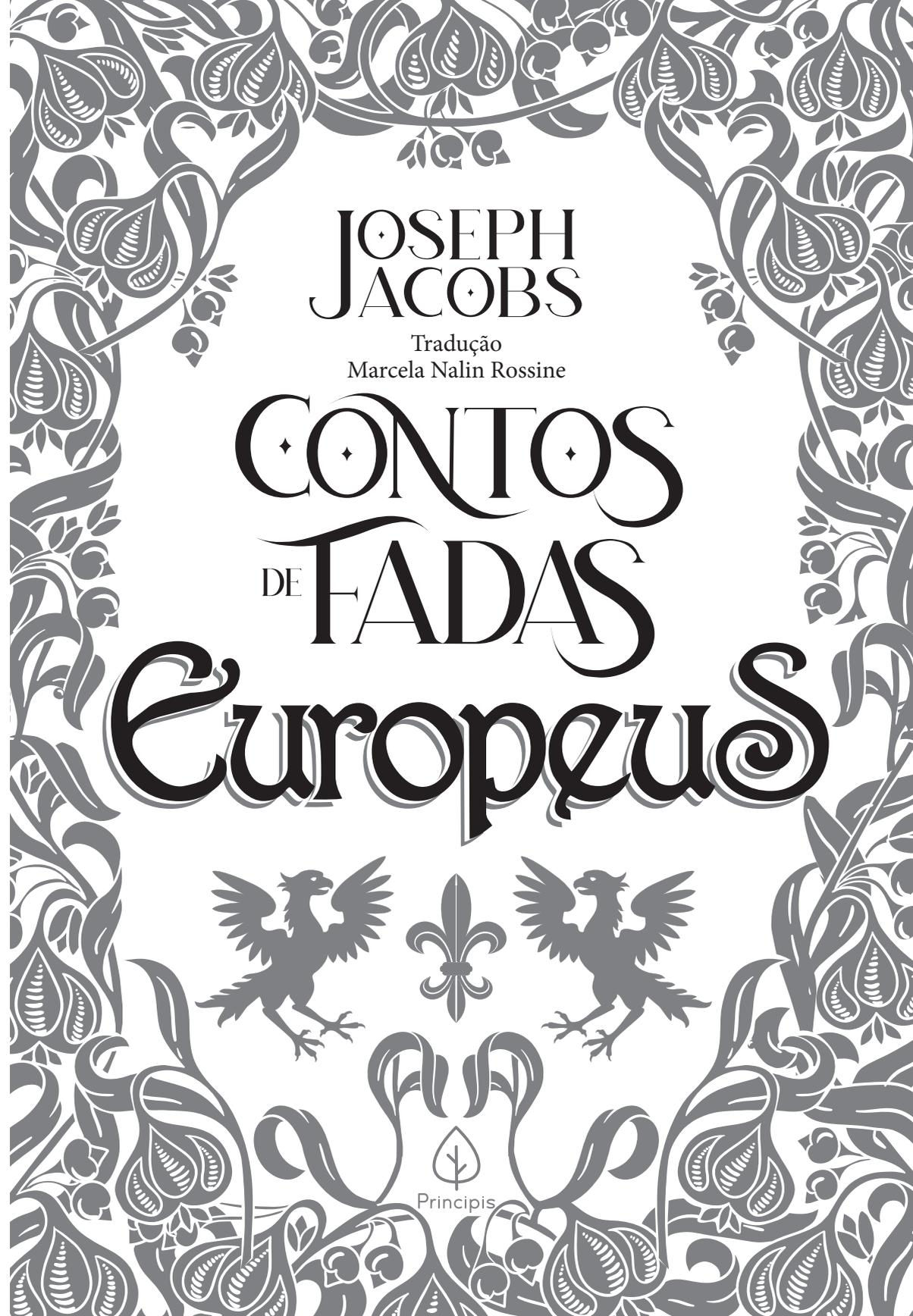


CONTOS
DE FADAS
Europeus







JOSEPH
JACOBS

Tradução
Marcela Nalin Rossine

CONTOS
DE FADAS
Europeus



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Europe fairy tales

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Joseph Jacobs

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Marcela Nalin Rossine

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Mirtes Ugeda Coscodai

Imagens
artform/Shutterstock.com;
KateVogel/Shutterstock.com

Revisão
Catrina do Carmo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

J17c	Jacobs, Joseph
	Contos de fadas europeus / Joseph Jacobs ; traduzido por Marcela Nalin Rossine. – Jandira, SP : Principis, 2021. 128 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)
	Tradução de: Europe fairy tales ISBN: 978-65-5552-399-7
	1. Literatura inglesa. 2. Contos. I. Rossine, Marcela Nalin. II. Título. III. Série.
2021-1106	CDD 823.91 CDU 821.111-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa: Contos 823.91
2. Literatura inglesa: Contos 821.111-3

1ª edição em 2021

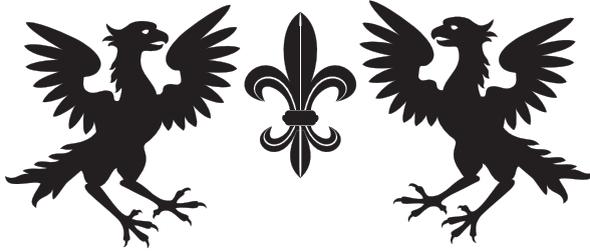
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Nada é para sempre.....	7
O Rei dos Peixes	12
A tesoura.....	19
A Bela e a Fera.....	21
Reynard e Bruin.....	26
A Água Dançante, a Maçã Cantante e o Pássaro Falante	32
A linguagem dos animais	41
Os três soldados.....	45
Uma dúzia de uma só tacada	50
O conde de Cattenborough.....	56
Donzelas-cisne.....	62
Androcles e o leão	67
Sonhando acordado	69
Mantenha a calma	73
O ladrão-mestre.....	78
O marido invisível.....	84
A donzela-mestre	91
O visitante do Paraíso	102
De volta à prisão	106
João, o Fiel	110
João e Maria	117
A jovem astuciosa.....	123



Nada é para sempre

Era uma vez, o homem mais preguiçoso do mundo inteiro. Ele não tirava a roupa antes de ir para a cama porque não queria ter o trabalho de colocá-la de novo ao amanhecer. Não levava a xícara até a boca, só se inclinava e sugava o chá sem segurá-la. Não praticava esportes porque, dizia ele, ficava todo suado e se recusava a fazer qualquer trabalho braçal pela mesma razão. Mas, por fim, percebeu que não teria o que comer a menos que fizesse algum esforço para isso. Então, arranjou trabalho em uma fazenda para a colheita da próxima safra. Mas, durante esse tempo, ele comeu demais e trabalhou de menos e, quando chegou o outono e foi até seu amo para receber seu dinheiro, tudo o que conseguiu foi uma única ervilha.

– O que significa isso? – perguntou ele.

– Ora, é o que lhe devo pelo trabalho – respondeu o fazendeiro. – Você comeu muito e tem de pagar pela comida.

– Não quero ouvir mais nada! – reclamou o homem. – Quero a ervilha. Seja como for, trabalhei por ela.

Depois de pegar a ervilha, o preguiçoso caminhou até uma hospedaria na beira da estrada.

– Pode me dar abrigo esta noite, para mim e para minha ervilha? – perguntou ele à senhoria.

– Bem, não! – respondeu ela. – Não tenho leito disponível, mas posso cuidar da ervilha para você.

Dito e feito. A ervilha ficou sob os cuidados da senhoria, e ele foi se deitar em um celeiro perto dali.

A senhoria colocou a ervilha em cima de uma cômoda e a deixou lá, mas uma galinha que perambulava por ali avistou a ervilha, pulou na cômoda e a comeu. Então, quando o homem apareceu no dia seguinte e lhe pediu a ervilha, a senhoria não conseguiu encontrá-la.

– A galinha deve ter engolido a ervilha – disse a senhoria.

– Bem, quero minha ervilha – disse o homem. – É melhor me dar a galinha, então.

– Ora, o quê... quando... como? – perguntou a senhoria. – A galinha vale milhares de ervilhas.

– Não me interessa. Minha ervilha está dentro dela, e a única maneira de reaver minha ervilha é estando com a galinha.

– Quê? Dar minha galinha para você por causa de uma única ervilha? É um absurdo!

– Bem, se não me der a galinha, vou notificar as autoridades.

– Ah, deixa estar, leve a galinha e meus votos de má sorte com ela.

Então, o homem se foi e ficou passeando o dia todo, até que, naquela noite, chegou a outra hospedaria e perguntou ao senhorio se ele e a galinha poderiam passar a noite lá.

– Não, não. Não temos lugar para você, mas podemos colocar a galinha no estábulo se quiser – respondeu o senhorio.

– Sim – concordou o preguiçoso, depois saiu para passar a noite em outro lugar.

Mas havia uma porca selvagem no estábulo e, durante a noite, ela comeu a pobrezinha da galinha.

CONTOS DE FADAS EUROPEUS

– Por favor, quero minha galinha – pediu o preguiçoso na manhã seguinte.

– Sinto muito, senhor, mas minha porca a comeu – explicou o senhorio.

– Então, quero a porca.

– Quê? Uma porca em troca da galinha? É um absurdo! Vá embora, meu amigo!

– Está bem, se não me der a porca, vou levar você à justiça.

– Ah, deixa estar, pegue a porca e leve minha maldição com ela – concluiu o senhorio.

O preguiçoso pegou a porca e seguiu ao longo da estrada até chegar à outra hospedaria.

– Tem um quarto para mim e para minha porca? – perguntou ele à senhoria.

– Não tenho – respondeu ela –, mas posso acomodar a porca.

A senhoria colocou a porca no estábulo, e o homem foi passar a noite no celeiro. Mas a porca ficou perambulando pelo estábulo e, ao chegar muito perto dos cascos da égua, foi atingida na cabeça por um coice e morreu. Então, quando o homem voltou pela manhã e pediu a porca, a senhoria disse:

– Sinto muito, senhor, mas aconteceu um acidente. Minha égua acertou a porca na cabeça, e ela morreu.

– Quê? A égua? – perguntou ele.

– Não, a porca.

– Então, quero a égua.

– Quê? Minha égua por sua porca? Que absurdo!

– Bem, se não me der a égua, vou levar a senhora à justiça. Vai ver se isso é um absurdo mesmo.

Então, depois de um tempo, a senhoria concordou em dar a égua para o homem em troca da porca morta.

O homem seguiu nos passos da égua até chegar a outra hospedaria e perguntou ao senhorio se poderia alojá-lo aquela noite, ele e a égua.

– Todos os leitos estão ocupados, mas pode colocar a égua no estábulo se quiser – respondeu o senhorio.

– Muito bem! – disse ele, depois foi amarrar o cabresto da égua na argola do estábulo.

Bem cedo, na manhã seguinte, a filha do senhorio disse:

– Pai, a égua está morrendo de sede. Vou levar a pobrezinha até o rio.

– Isso não é da sua conta – disse o pai. – Deixe que o homem faça isso.

– Ah, mas a coitadinha não bebeu nada até agora. Daqui a pouco eu volto com ela.

Então, ela levou a égua até a beira do rio e a deixou beber água, mas, por trágico acaso, a égua escorregou e caiu na correnteza que era tão forte a ponto de arrastá-la. A menina correu de volta para casa e disse à mãe:

– A égua caiu no rio e foi arrastada para longe. O que vamos fazer, mãe? O que vamos fazer?

Naquela mesma manhã, o preguiçoso apareceu.

– Por favor, quero minha égua – pediu ele ao senhorio, o pai da menina.

– Sinto muito, senhor, mas minha filha, aquela ali, queria dar de beber à coitadinha da égua e foi com ela até o rio. A égua caiu e foi levada pela correnteza. Sinto muito mesmo!

– Essa conversa não vai compensar minha perda – disse o preguiçoso.
– O mínimo que pode fazer é me dar sua filha.

– Quê? Dar minha filha para você por causa da égua?

– Bem, se não me der a menina, vou notificar as autoridades.

Mas o senhorio não queria ter problemas com a justiça. Então, depois de muita discussão, concordou em deixar a filha seguir com ele. Os dois caminharam e caminharam e caminharam até que, finalmente, chegaram a outra hospedaria, que era zelada pela tia da menina, porém o homem não sabia daquilo.

– Tem leitos para mim e minha menina aqui? – perguntou o preguiçoso ao entrar.

CONTOS DE FADAS EUROPEUS

A senhoria olhou para a menina, que não disse nada.

– Bem, não tenho leite para você, mas tenho para ela. Só que talvez ela fuja – respondeu a senhoria.

– Ah, dou um jeito nisso.

O homem pegou um saco, colocou a menina dentro, amarrou-o e foi embora.

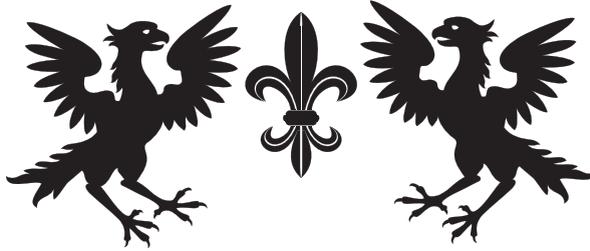
– O que aconteceu, minha querida? – perguntou a tia à menina assim que a tirou do saco.

A menina lhe contou toda a história. Então, a tia pegou um cão enorme e o colocou no saco.

– Onde está minha menina? – perguntou o homem na manhã seguinte.

– Aqui está ela, até onde eu sei.

Ele pegou o saco, colocou-o no ombro e seguiu caminho por um tempo. Mais tarde, quando o sol estava bem alto no céu, ele se sentou à sombra de uma árvore para falar com a menina. Ao abrir o saco, o enorme cão voou para cima dele e o derrubou para trás. Foi a última vez que ouvi falar daquele preguiçoso.



O Rei dos Peixes

Era uma vez um pescador muito pobre, que se sentia ainda mais pobre por não ter filhos. Mas um dia, enquanto pescava, caiu em sua rede o peixe mais esplêndido que já vira, com escamas douradas e os olhos brilhantes como diamantes. Bem na hora em que o pescador ia tirá-lo da rede, o que você acha que aconteceu? O peixe abriu a boca e disse:

– Sou o Rei dos Peixes. Se me jogar de volta na água, nunca mais lhe faltará um pescado.

O pescador ficou tão surpreso que o deixou escorregar para a água, e o peixe bateu a longa cauda e mergulhou sob as ondas. Ao voltar para casa, o pescador contou tudo à mulher.

– Que pena, tenho tanta vontade de comer um peixe desses – disse ela.

Bem, no dia seguinte, o homem foi pescar de novo e, como era de se esperar, pegou o mesmo peixe pela segunda vez.

– Sou o Rei dos Peixes. Se me deixar partir, suas redes sempre estarão cheias.

O pescador, então, soltou-o novamente e, ao voltar para casa, contou à mulher o que tinha feito.

– Eu disse que queria aquele peixe e, mesmo assim, você o soltou. Claro que não me ama! – disse ela, chorando e se lamentando.

O pescador ficou muito envergonhado e prometeu que se pescasse o Rei dos Peixes de novo, ele o traria para casa e a mulher poderia cozinhá-lo. Então, no dia seguinte, foi ao mesmo lugar e pegou o mesmo peixe pela terceira vez. Mas, quando o Rei dos Peixes implorou pela liberdade, o pescador lhe contou sobre o que a mulher tinha dito e sobre a promessa que fizera a ela.

– Bem – disse o Rei dos Peixes –, se tem que me matar, vá em frente, mas como me soltou duas vezes, farei um favor por você. Quando sua mulher me faltar, jogue algumas das minhas espinhas embaixo da égua, algumas espinhas embaixo da cadela e enterre o restante sob a roseira no jardim. Depois, aguarde e verá.

Então, o pescador levou o Rei dos Peixes para casa e o entregou à mulher, a quem contou o que o peixe tinha dito. Então, depois que ela o fatiou, eles jogaram algumas espinhas embaixo da égua, algumas embaixo da cadela e enterraram o restante sob a roseira no jardim.

Passado um tempo, a mulher do pescador deu à luz lindos gêmeos, batizados de George e Albert, cada um nasceu com a marca de uma estrela na testa, abaixo dos cabelos. A égua trouxe ao mundo dois belos potros, e a cadela, dois cãezinhos. Sob a roseira cresceram dois arbustos, cada um dava apenas uma rosa por ano, mas como eram esplêndidas! Assim, passou-se o verão e passou-se o inverno, e o mais curioso de tudo era que, quando George adoecia, uma das rosas começava a murchar e, se Albert ficava doente, a mesma coisa acontecia com a outra rosa.

Quando George e Albert já eram moços, ouviram dizer que um dragão de sete cabeças estava devastando o reino vizinho, e que o rei prometera a mão da filha a qualquer um que libertasse a terra daquele suplício. Os dois queriam combater o dragão, mas, por fim, os gêmeos decidiram que George iria e Albert ficaria em casa cuidando do pai e da mãe, que já

estavam velhinhos. Então, George pegou seu cavalo e seu cão e cavalgou para onde o dragão fora visto pela última vez. Ao chegar em Middlegard, a capital do reino, foi com o cavalo e o cão até a hospedaria principal da cidade e perguntou à senhoria por que tudo parecia tão triste e as casas estavam revestidas com tecido preto.

– Não soube, senhor, que o Dragão de Sete Cabeças devora uma donzela pura todos os meses? – perguntou a senhoria. – E agora, exige que a própria princesa lhe seja entregue hoje. É por isso que a cidade está revestida de preto, e estamos todos tão tristes.

Ao saber disso, George pegou o cavalo e o cão e cavalgou até onde a princesa estava desprotegida à espera do Dragão de Sete Cabeças.

– Por que veio, senhor? Logo o Dragão de Sete Cabeças, ao qual ninguém consegue resistir, estará aqui para me reivindicar. Fuja antes que seja tarde – disse a princesa ao ver George com o cavalo, a espada e o cão.

– Princesa, os valentes só provam o gosto da morte uma vez, mas, de bom grado, tentarei salvá-la do dragão – respondeu George.

Enquanto conversavam, um rugido tenebroso rasgou o ar, e o Dragão de Sete Cabeças veio em direção à princesa.

– Sabes lutar? – vociferou o dragão ao ver George.

– Se eu não souber, posso aprender – respondeu o rapaz.

– Aprenderás comigo então – disse o dragão.

George e o dragão travaram uma enorme batalha. Toda vez que o dragão avançava em George, o cão se arremessava contra uma de suas patas e, assim que o dragão virava uma das cabeças para atacar o cão, George disparava com o cavalo para aquela direção e decepava tal cabeça com a espada. Dessa forma, finalmente, ele arrancou todas as sete cabeças do dragão e salvou a princesa. Em seguida, abriu a boca de cada uma das cabeças, cortou as línguas, embrulhou-as com o lenço que a princesa lhe dera e guardou-as no bolso, perto do coração. Mas George ficou tão exausto por causa da luta, que se deitou com a cabeça no colo da princesa e adormeceu. Enquanto ela afagava os cabelos dele, conseguiu ver a marca de uma estrela em sua testa.

Enquanto isso, o marechal do rei, que se casaria com a princesa caso matasse o dragão, assistia à luta de longe e, ao ver que o dragão estava morto e que George dormia após a batalha, aproximou-se devagarinho por detrás da princesa.

– Ponha a cabeça dele no chão, senão te matarei – disse o marechal com a adaga em punho.

Depois que a princesa lhe obedeceu e que ele já havia juntado e amarrado as sete cabeças do dragão na correia do chicote, o marechal ordenou que ela se levantasse e o acompanhasse. A princesa teria acordado George, mas o marechal ameaçou matá-la se ela o fizesse.

– Se não posso me casar contigo, ele também não se casará – disse ele.

Então, o marechal a fez jurar que concordaria que ele próprio havia matado o Dragão de Sete Cabeças. Quando a princesa e o marechal chegaram perto da cidade, o rei, os cortesãos e todo o povo foram recebê-los com grande alegria.

– Quem te salvou? – perguntou o rei à filha.

– Este homem – respondeu ela.

– Então, deverás casar-se com ele.

– Não, pai, ainda não tenho idade para me casar. Dê-me pelo menos um ano e um dia antes de realizar o casamento – disse a princesa, na esperança de que George a salvasse do perverso marechal.

O próprio rei, por todo o amor que tinha pela filha, por fim cedeu e prometeu que ela não se casaria antes que decorresse um ano e um dia daquela data.

Ao acordar e se deparar com o cadáver do dragão sem as cabeças e perceber que a princesa não estava mais lá, George não sabia muito bem o que pensar, mas achou que ela não quisesse se casar com o filho de um pescador. Por isso, montou no cavalo e saiu em busca de novas aventuras pelo mundo junto com o fiel cão de caça, e não retornou para aquela região, até que um ano se passou e ele, então, cavalgou de volta para Middlegard e apeou na mesma hospedaria onde havia parado antes.